



POETIZAR

REVISTA DE CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS

Setembro de 2024 / Edição 1 / Volume 5





Caro leitor, é com muita satisfação que trazemos a quinta edição da Revista Poetizar. Esperamos que cada leitura sensibilize, provoque reflexão, faça rir, se emocionar, enfim...

“Sempre imaginei que o paraíso seria algum tipo de biblioteca.” – Jorge Luis Borges.

SOBRE A REVISTA

A Revista Poetizar é uma publicação eletrônica organizada por estudantes de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus como projeto de extensão que abre espaço para a publicação de contos, crônicas e poesias escritas pelo público. Crie sua arte e vem Poetizar com a gente!

EQUIPE EDITORIAL

Prof. Dr. Ailton Pereira Morila

Samuel Lisboa Martins

NOSSO CONTATO

E-mail: revistapoetizar@gmail.com

Instagram: [@revistapoetizar](https://www.instagram.com/revistapoetizar)

SUMÁRIO

CONTOS

- Dona Q. J. | Aline Vieira Malanovicz 5
- Lily e as Figuras de Linguagem | Gabriele Braga 9
- O Encontro: Uma Jornada Descolonial | João Victor de Souza Silva 11
- Carta Para Um Amigo | Alexandre Santos 15
- Domingo, Dia dos Pais | Pedro Henrique Frere 18
- Os Pontos Positivos de uma Guerra | Jéssica Oliveira 20

CRÔNICAS

- Crônicas de Tubarão I: A Páscoa | Adriana Carolina Hipolito de Assis 23
- Cada Mergulho é um Flash? | Anderlei Carneiro Vilhena 25
- Educação Sexual para uma Geração Extremista | Maria Alina Oliveira Alencar de Araújo 27
- O Tempo é o Homem? | Luan de Souza Balbino 29
- Metamorfose | Sra. Tatiane 30
- O Buraco no Chinelo do Sr. Amarildo | Maressa Monteiro 31

POESIAS

- O Pôr no Sol no Caminho | Calderari Miguel 34
- Peixe no Aquário | José D'Assunção Barros 35
- Expansão | Juan de Sá 36
- O Soluço do Céu em Dia de Chuva me Anima | Felipe Eleutério 38
- Diante da Utopia | Leandro Marinho Lares 40
- A Sorte | Jéssica Oliveira 42

CONTOS

Dona Q. J. | Aline Vieira Malanovicz

Para a Velhinha de Taubaté, *in memoriam*.

"Os políticos hoje eram bonecos de marionete, que faziam gestos e tomavam atitudes porque dois ou três financistas por trás lhes puxavam pelos cordeis..." (Eça de Queirós, "Os Maias", Portugal, 1888)

Em algum lugar destes pagos, de cujo nome não quero me lembrar, há não muito tempo vivia uma senhora, da família tradicional brasileira, bela, recatada e do lar, administradora doméstica, de planilha na mão, caneta na orelha e voz empostada. Nossa heroína valorizava o passado de glórias do Estado, a tradição do folclore, a politização do povo e o orgulho nativista. Nos idos tempos de sua juventude, até pegou em armas - o .38 do avô que serviu em 1932 - e se uniu aos valentes, na Praça da Matriz e Palácio Piratini, em defesa da Legalidade.

De lá para cá, talvez por causa do calor infernal dos últimos verões, passou a ler muitos santinhos de candidatos políticos, folders de propaganda gerencialista, soluções mágicas para a gestão pública, reportagens semiimparciais da imprensa. Começou a ficar encantada por um gringo, excelente administrador público, que fez um trabalho ótimo na Serra, que não se comprometeu com ideologias partidárias, que não fez promessas de campanha.

Em pouco tempo, nossa não mui engenhosa Dona Alfonsa Q.J. virou cabo eleitoral, sempre pronta para defender seu Dulcineio. Ela acompanhou eufórica a vitória de seu eleito, e bradava para quem quisesse ouvir - e especialmente para quem não quisesse:

— Aceitem! Dulcineio é o melhor que este Estado poderia ter.

Naturalmente, participou da festa da posse. Dirigiu-se à Praça e, vendo gente engravatada, empresários apoiadores da campanha, tomou-os por cidadãos de bem:

— Como são distintos os nossos correligionários! Este é o melhor governador!

Na empolgação dos discursos de posse, refletiu que, para melhor servir o seu Estado e o seu eleito, deveria ser participante do governo. Esse era o jeito mais digno. Manifestou essa aspiração a um dos Gravatas, e prontamente, em alguns dias e alguns telefonemas, foi nomeada ASsessoracomissionadaNEcessária. Agora sim!

Em sua primeira tarefa, recebeu no Palácio jovens donzelas representantes de grandes empresas, e as acompanhou, com toda a cortesia, até os gabinetes dos assessores e deputados da base de apoio. Teve a plena convicção de ter contribuído para as melhores negociações feitas pelo governo para o desenvolvimento do Estado.

Ainda no primeiro mês de trabalho, deparou-se com inimigos da Virtude: pessoas barulhentas, com sinetas, que gritavam diante do Palácio contra Dulcineio:

— Canalha! A primeira medida é aumentar o próprio salário! E o nosso piso?

Não teve dúvidas: passou a xingar os manifestantes e exigir-lhes respeito:

— Mortadelas! Dulcineio é o maior! Piso é na loja de material de construção.

Entrou no meio da massa de manifestantes com o dedo e o verbo em riste. Mas não esperava que os seguranças do Palácio a arrastassem junto dos Malvados...

Horas depois, chegou em casa com escoriações encontradas pelos familiares. Estes ouviram sua versão dos fatos, e decidiram que o melhor a fazer era queimar todos os santinhos, pôsteres, notícias sobre Dulcineio que ela colecionava.

— Tia, a senhora não pode sair por aí enfrentando as pessoas pelo governador!

— Bobagem! É o melhor para o Estado! Tenho que lutar e trabalhar por ele!

Uns meses depois, ela voltou ao trabalho, agora acompanhada pela vizinha, já devidamente catequisada sobre o valor do Dulcineio, e pela recompensa a receber.

— Então eu posso ganhar uma cesta de fim de ano se eu for com a senhora?

— E muito mais, minha cara Sancha! Tu serás minha assistente comissionada.

— Eu vou ser a C.C. da C.C.? E ainda posso ganhar uma cesta de fim de ano!

Chegaram as duas na Praça, e encontraram nova manifestação. Agora contra a falta de lisura das negociações com empresas de energia eólica. Além das faixas, apitos, sinetas, já habituais, havia totens de cataventos gigantes e bonecos-de-posto.

"Dulcineio, tu não é bobo! Aumentou o ICMS, e quem paga é o povo!"

"Dulcineio mãos-de-tesouras! Parcelou o salário das professoras!"

Dona Alfonsa não se conteve e atacou os cataventos gigantes:

— Pilantras! Dulcineio é o maior! O sacrifício de cada um é para o bem de todos!

Uma pá dos cataventos enganchou na sua blusa, e rasgou um braço de um boneco-de-posto. A pressão do ar explodido lançou Dona Q.J. um metro longe. Mas ela continuou ameaçando com sua caneta e admoestando a todos a plenos pulmões.

— Mortadelas! Dulcineio está fazendo tudo pelo equilíbrio financeiro do Estado!

Um grupo de manifestantes, auditores fiscais do Estado, solidarizou-se com sua queda e ferimento, e ofereceu sua faixa de protesto como maca para conduzi-la. Mas ela os tomou por inimigos que vinham atacar a ela e à honra de seu Dulcineio. Não percebeu o cuidado nem as propostas de solução dos auditores, só os protestos:

"Dulcineio quer vender as nossas estatais mais lucrativas para os comparsas!"

Arrancou uma faixa da mão de uma professora, tirou a sineta da mão de outra.

"Encobre isenções fiscais suspeitas de grandes empresas!"

Avançou contra o guri do megafone, empurrou ele e os que estavam próximos...

"Aumenta imposto, parcela salário, e não paga a dívida com a união!"

Começou a rasgar uma faixa de um servidor, e a rasgar camiseta de outro!

"Quer extinguir fundações, demitir concursados, e contratar C.C.s!"

A boa Sancha veio resgatá-la, que já estava atordoada com a função toda. Mas num instante, a cavalaria da Polícia Militar avançou contra todo mundo. E as duas acabaram desacordadas debaixo de um quadrúpede.

Alguma boa alma chamou a ambulância, e horas depois, quando dona Q.J. acordou, estava em casa, em sua cama, rodeada de parentes e da querida - e ferida - Sancha. A família cuidava para não lhe trazer notícias sobre o governo durante todo o período da sua convalescença. Não tinha propagandas, nem reportagens, nem novidades que pudessem afetar seus frágeis nervos.

Ninguém lhe falou, também, que tiveram que mexer nas suas economias para comprar os medicamentos para sua melhora. Sim, aquele fármaco desenvolvido desde sempre pela Fundação de Pesquisa em Saúde e que era distribuído gratuitamente, agora é vendido por um laboratório estrangeiro. Porque a Fundação foi extinta.

Dona Q.J. ainda retornou ao trabalho. Naquele dia não houve protestos diante do Palácio. Já tinha sido extinta a última Fundação e vendida a última estatal lucrativa, e a Folha de Pagamentos do Estado já tinha encontrado a do mês seguinte. Servidores concursados tinham sido demitidos, a tal dívida com a União continuava. Mas alguns cargos, privilégios e isenções - dos três poderes e de amigos do setor privado - permaneciam intocados, até reforçados. O choque dessas descobertas e o desapontamento decorrente delas foram grandes demais para seu coração. Dona Q.J. morreu como uma triste figura.

Lily e as Figuras de Linguagens | Gabriele Braga

Em uma pequena cidade, onde quase não havia violência, e as crianças podiam brincar na rua, sem o medo do perigo, morava uma encantadora menininha chamada Lily. Ela era um encanto de criança, muito sapeca, esperta e muito inteligente. Seu convívio era maior com adultos do que com crianças. A pequena menina, quase não tinha contato com outras crianças, pois as crianças do seu bairro eram bem maiores que ela.

Apesar de ter várias e várias qualidades, Lily ainda não entendia quando os adultos usavam figura de linguagem/metáforas. Ela entendia tudo ao pé da letra.

Um dia quando a família paterna de Lily estava reunida, num domingo de almoço. No momento em que todos os adultos conversam sobre sua semana, trabalho e outros assuntos. Lily brinca correndo pela casa da sua avó. Após o almoço, todos continuam conversando, até que Lily, diz:

— Quero mais comida, to com fome.

Sua tia Jasmine, ao ouvir isso, olhou para ela e respondeu:

— Respira um pouco Lily, você acabou de comer.

Lily ao escutar sua tia, olhou para ela, inspirou o ar profundamente, logo depois expirou e respondeu:

— Pronto tia, respirei.

Neste momento todos riram, e sua tia Jasmine foi explicar que não era para respirar, no sentido literal, mas para aguardar um pouco mais. Ela olhou com aqueles olhos pretos, como se não tivesse compreendido e saiu correndo para brincar.

Lily era muito próxima de Jasmine, então sempre ia na casa da sua tia para brincar com ela. Um dia nessas visitas, ao encher a piscina para a sobrinha tomar banho. Deixou-a brincando na água com alguns brinquedos e gritou da sala:

— Lava esse pé direito Lily.

Lily então responde:

— Mas minha mãe falou que tem que lavar os dois.

Jasmine sorriu sozinha e decidiu não contra-argumentar. Percebeu que a menina ainda é uma criança e está aprendendo, apesar de conviver com muitos adultos ela ainda é uma criança, e por isso decidiu ficar com a pureza das respostas das crianças.

O Encontro: Uma Jornada Descolonial | João Victor de Souza Silva

Akin¹, homem valente, guerreiro e herói, filho de Ogum². É homem negro, charmoso e habilidoso com as armas de ferro. Ao alvorecer da aurora, estando ele ainda dormindo, Aziza³, sua irmã, entra em sua tenda e em alto som grita:

— Akin, irmão meu, levante-se, pois algo novo acontece agora.

Diante dos berros inflamados da preciosa, respondeu-lhe:

— Amada minha, já preparou nosso desjejum? Não quero me alimentar agora, deixe-me festejar, pois ao dormir, com os orixás estou a dançar.

Dito isso, Akin caiu no sono novamente. Mas sendo grande a preocupação da sua irmã pelo o que acontecia na costa do continente, com grande intrepidez ela esbravejou:

— Levante-se agora! Por Ogum! Erga-se para ver, há animais gordos e brancos que se aproximam de nós. Nunca os vi, nem os quero conhecer. São imundos, ouvi dizer que seu odor é espantoso, até os abutres fazem correr... – Com voz de trombeta, dissera assim Aziza.

Diante da notícia, não houve sono ou sonho que perdurasse, por mais belo e suntuoso que fosse. Ao ouvir o que sua irmã falou, rapidamente acordou. Sem entender o que se passava, logo saiu para perguntar ao Babalaô⁴ o que estava acontecendo. Chegando a tenda do velho, sem delicadeza perguntou-lhe:

— Babalaô, o que é que nos espera? Quem são os tais que agora estão na boca do povo?

O velho, ancião de vastas gerações. Sábio e matuto, amigo dos mortos de outras gerações, sem delongas, respondeu-lhe:

— Akin, filho de Ogum. Sou velho e já fui moço, mas coisa alguma outrora vi. Mas uma coisa me é certa, meu coração palpita de dor. Sangue e dor contemplo, de longe, embora perto. Nossa religião aqui lhe entrego, lute por ela e não desfaleça.

¹ Homem valente, guerreiro e herói, na língua Iorubá.

² Orixá da guerra, das lutas. É guerreiro e conhecedor da metalurgia.

³ Preciosa, na língua Suaíli.

⁴ Este era o nome que recebia aquele que nós entendemos como sacerdote.

Ao expressar tais palavras, o velho suspirou. Nesse tempo, os desengonçados e “misteriosos” brancos se aproximavam do povo. Então, Yooku⁵, o nascido na quarta-feira, aproximou-se de Akin. De olho no horizonte, começou a discursar:

— Será que são novas llombas⁶? Feitas com sangue, unhas e ervas mágicas. Mas, agora, com um pouco de pernas de sapo que as fazem andar como a gente? Consumidora de almas e devoradora do seu próprio criador. Ou são Indombes⁷, feitas de cobre e que vêm para incendiar-nos? Não, acho que não. Eles devem ser Intulos⁸, mensageiros da morte, vindo nos chamar para nossa alma entregar. – Ao fazer suas provocantes indagações, Yooku suplicou, dizendo:

— Oh, Ajalá⁹, ajuda-nos. Oh, Orunmilá¹⁰, apiede-se dos seus filhos, dá-nos a entender esses mistérios que de nós se aproximam.

Ao findar o seu clamor, os brancos de roupas pomposas chegaram. O povo se aproximou e seus ouvidos estenderam para tudo ouvirem. Assim sendo, o líder da companhia falou:

— Em nome do divino, e ao lado do império, declaramos a todos que a magia, junto com os feiticeiros, devem ser extintos, destruídos e abandonados, pois são ilusões demoníacas e expressões do mal, aos olhos de nosso divino. Sua religião, povo negro, não nos interessa. Somente o divino do império é verdadeiro e único. Aceitem-no, ou morram! Esta é a mensagem que queremos vos anunciar.

Akin, ao ouvir, do velho lembrou... Sangue, isso o velho falou. Enquanto a comunidade desolada e eufórica ficou, Akin, uma atitude tomou. Em direção aos visitantes, sua palavra expressou:

— Homens brancos, não nos conhecemos. E não sabemos nada sobre seu divino, muito menos do que é demônio, pois em nossa terra isso passa longe. Nossa magia não é má, nossa feitiçaria não é maligna. Mas como vejo que não entendem nossa religião,

⁵ Nascido na quarta-feira, na língua Fante.

⁶ Era uma serpente marítima criada por um feiticeiro, feita de unhas, sangue e ervas mágicas, sendo tudo misturado em uma panela. Seu propósito é devorar a alma de quem o seu criador desejar.

⁷ Cobra feita de cobre. Ela é capaz de incendiar vilas e por sua capacidade de viver por muitos anos, faz com que ela possua muito conhecimento.

⁸ É um ser meio homem e jacaré, ou meio homem e lagarto. Alguns acreditam que ele é o mensageiro da morte que está a chamar todos quantos breve morreram.

⁹ Um importante orixá da criação.

¹⁰ Orixá da adivinhação.

convindo-lhes a um desafio. Um altar ergueremos e carne fresca sobre ele colocaremos. O verdadeiro deus, certamente ouvirá o pedido de seus súditos, portanto, peçamos que ele derrame fogo e consuma o que sobre o altar estiver. O vencedor, revelará a religião verdadeira e tomará posse da alma dos perdedores.

Embora assustados com a ousadia do mulato, os propagadores da seita do divino, confiantes de que ganhariam e entusiasmados com a oportunidade de tomarem para si os outros, acabaram por aceitar. Disso, seguiu-se os preparos do desafio feito por Akin. Os visitantes, que outrora reivindicavam autoridade sobre o povo daquela região, foram os primeiros. Ao prepararem o ambiente e erguendo o altar, colocaram sobre ele um novilho morto e então começaram:

— Oh, divino nosso, atenda-nos, suplicamos. Com autoridade e grande força devore o que sobre o altar lhe ofertamos.

Nada aconteceu. Então todos da companhia do império começaram a suplicar:

— Divino, tu estás em um alto monte. Mande sobre este lugar do teu fogo e destrua tudo quanto há.

Akin, ao ouvir as súplicas, gritou:

— Cuidado com a insanidade. Se ele mandar muito fogo é bem provável que nos destrua também. Mas não desistam, talvez ele já esteja velho e ouve mal, por isso não está lhes atendendo.

Com sua ironia, das crianças aos velhos, todos da tribo riram-se deles. Quando todos já estavam cansados e aflitos, pois nem uma faísca desceu, então Akin tomou sua vez. Ergueu mais um altar e derramou sangue sobre ele, proporcionando libações agradáveis. Feito isso, exclamou:

— Xangô¹¹, ouça-nos! Iansã, atenda-nos! Estes homens querem nos devorar. Querem nos matar e sacrificar. Querem nos escravizar. Mostrem a eles que nossa religião não é brincadeira e que tu nos defendes com raios fortes e fogo devorador. Lance, agora, o teu raio. Consuma tudo isso com o teu fogo.

Ao terminar o seu pedido, o fogo do céu desceu. Todo o altar foi consumido e até um branco da companhia fulminado tombou. Visto isso, temor e tremor tomaram os

¹¹ Orixá da justiça, do fogo e das pedreiras.

brancos e até os negros, pois a religião dos negros não é brincadeira. Embora os brancos estivessem com interesses malignos, o fato fez com que eles se recolhessem e com medo se acanharam. Dessa forma, Akin discursou:

— Povo meu, esses homens queriam nos destruir. Como outrora Yooku disse, eles realmente desejavam devorar nossas almas, levar-nos à morte e incendiar nossa tribo. Os orixás não permitirão, pois, o divino, criado a imagem dos homens brancos, é escravista. Mas os orixás, criados a imagem do homem negro, destila amor e cuidado para com seu povo. Nosso povo prevalecerá!

Ao externar seu sentimento, toda a comunidade eufórica ficou. E os brancos com medo ficaram, ao passo que para longe se foram, em busca de outras almas para devorar.

Carta Para Um Amigo | Alexandre Santos

Inspirado no conto Olhos d'Água de Conceição Evaristo

Faz tempo que não nos encontramos para trocar meia dúzia bobagens, conversar sobre amenidades e coisas da vida. Essa correria do dia a dia é mesmo de aborrecer qualquer um. Viu a reportagem do rapaz que lançou seu carro contra outro, apenas porque demorou a dar partida após o brilho verde do semáforo aparecer diante de seus olhos?

Mas deixando essa loucura de lado, quero lhe contar sobre o que li, mesmo sabendo que você não é muito chegado a leitura. Achei que gostaria de saber sobre o texto. Ele me fez lembrar muitas coisas da minha época de mais moço, ou melhor, da nossa época.

Não sei se você conhece a professora Conceição Evaristo. Se não a conhece, procure conhecer. Acho que ela vai conseguir criar em você o tal gosto pela leitura.

Bom, o texto que eu li, chama-se “Olhos d’água”. Que texto maravilhoso! Carregado das mais diversas emoções. E que sensibilidade teve Evaristo ao escrevê-lo! Toda história gira em torno de uma noite em que ela acordou bruscamente e não se recordava da cor dos olhos de sua mãe. Como pode alguém esquecer de algo em sua própria mãe? Ainda mais os olhos, o olhar materno é tão cheio de carinho, de amor, transmite uma paz e sem contar que, é uma das primeiras coisas que vemos, quando ainda bebês, e abrimos nossos próprios olhos pela primeira vez. Mas, deixa estar, talvez a vida sofrida e os anos de afastamento entre ela e a mãe, de alguma forma, pudesse ter afetado essa lembrança.

Voltando ao texto, Conceição revela que mesmo sem lembrar dos olhos de sua mãe, ela consegue lembrar-se claramente de muitas histórias vivenciadas por ela, sua mãe e suas irmãs. Em uma dessas histórias ela comenta que a alegria delas, era quando a mãe parava seus afazeres domésticos e se tornava a “grande boneca negra” que ela e suas irmãs penteavam. Um dia penteando os cabelos da mãe, as meninas encontraram uma bolinha escondida no couro cabeludo, pensaram que fosse um carrapato, agora você veja só, se não é muito fantasiosa mesmo a mente de uma criança. E o pior, elas tentaram arrancar o bicho achando que poderia estar fazendo mal a mãe.

Lembrei-me de quando corríamos pelos corredores e escadas do prédio. Nossa! Como faz tempo! Um belo dia, no corredor do quarto andar, a gente viu uma janela entreaberta e um quadro da Monalisa, que parecia estar nos espiando, pendurado na

parede, pronto, logo inventamos para todo o prédio que existia um quadro que se mexia. E não é que depois disso, até adultos, disseram que também viram o quadro se mexer. Lembra disso?

No conto, Evaristo narra a vida difícil que teve, ao ponto da fome apertar tanto, que fazia a boca infantil salivar a língua no sonho de comida. Nesses momentos, ela contou que a mãe costumava brincar de que ela era a rainha e as crianças colhiam flores para jogar por seus cabelos, braços e colo. Ela sabia que a mãe só fazia isso para enganar a fome. Me entristeci com esse fato, não só pela fome ser algo presente no mundo, mas porque me vi naquelas crianças. Você deve lembrar, claro, que quando meu pai perdeu o emprego e foi embora de casa, chegamos a passar necessidades também. Às vezes, não tínhamos o que comer. Dona Júlia, a vizinha da barraquinha, sempre que podia, nos dava hambúrguer para enganar a fome. Minha mãe, que Deus a tenha em bom lugar, sentava comigo e minha irmã para contar-nos algumas histórias. Assim como Evaristo, eu também sabia que aquele gesto era para que a gente esquecesse a fome.

Por falar em Deus, que relação forte Evaristo tem com sua religião, com sua ancestralidade. Desde pequena já entoando cantos de louvor a seus ancestrais, é firme ao dizer que não esquece das Senhoras Africanas, as Yabas, donas de tanta sabedoria. Me identifiquei bastante com o amor e o temor dela com sua crença. Eu, desde moleque, sempre acreditei muito em Deus e quis aprender sobre Ele por diversos pontos de vista. Frequentei centro espírita quando meus pais eram “macumbeiros”, me lembro que você também tinha um pezinho lá. rsrs Frequentei a igreja católica, me batizei, fiz a primeira comunhão, fui “corinha” (ajudante do padre na missa), você também era. Lembro que sempre pegávamos um dinheirinho da contribuição dos fieis para comprar um “tobi com skiny”. Tempos bons. Depois fui para igreja evangélica e lá firmei base. Mesmo desviado hoje, ainda tenho meus princípios e temores cristãos.

Bom, depois de tanto relembrar das histórias e mesmo assim não conseguir lembrar a cor dos olhos de sua mãe, Evaristo toma a decisão de voltar a sua terra, reencontrar suas raízes e por fim acabar com a perturbação que tomara conta de sua cabeça, finalmente ela saberia a cor dos olhos de sua mãe. A essa altura, você deve estar me xingando, querendo saber também qual é a cor dos olhos da mãe de Conceição. Pois bem, os olhos eram cor de água, foi isso que Evaristo viu quando retornou. Viu sua mãe chorando e sorrindo, seus olhos eram como correntes de água que saltavam ao rosto. Aqueles olhos que ora choravam de alegria e ora choravam de tristeza, estavam sempre

encobertos por lágrimas. Por isso, Evaristo não se recordava da cor dos olhos, os olhos d'água.

Nossa! Como esse texto me fez refletir a vida! Em certos momentos, me vi junto a ela dentro das histórias e, em outros, pude contemplar a força da mulher negra que sofreu com a fome, com racismo e com tudo que a sociedade tem para ferir alguém, mas que ao mesmo tempo lutou e venceu. Hoje, é professora, escritora e autora desse conto incrível.

Espero te ver em breve. Não se esqueça de dar lembranças a todos da sua família. Foi muito bom poder dividir essa experiência com você, mesmo que à distancia.

Domingo, dia dos pais | Pedro Henrique Frere

Pai, é curioso como o significante “pai”, quando posto em letras maiúsculas no meio de uma sentença qualquer, remete à Deus, como o Pai de todos, o princípio. Esse primeiro “pai” com o ‘p’ maiúsculo não faz referência a Deus, e, apenas por ser uma convenção da língua portuguesa na norma culta, foi escrito dessa forma. Por mais que ‘Pai’ e ‘pai’ tenham claramente significados diferentes, percebo uma relação muito mais próxima do que imaginei. Se na bíblia judaica tudo que ocorre desde a expulsão dos judeus de Jerusalém até a criação do Estado de Israel, o Deus, nesse caso, é a mesma mão que dá o pão e bate com a chibata. É o pecado e a salvação. Tudo que ocorreu com os Judeus foi punição divina e, ao mesmo tempo, toda a glória conseguida por esses indivíduos é também culpa de Deus. E tudo isso servirá de ilustração para o meu ponto – ou um dos meus pontos – nesta carta: assim como Deus é responsável por tudo, eu creio que te coloquei nesse mesmo lugar: o senhor era responsável tanto por todas as minhas mazelas e intempéries na vida, assim como pelas minhas conquistas e avanços. Isso é simplesmente triste, pois, é difícil conviver pensando que nada do que é feito e, ao mesmo tempo, tudo que é feito não é da minha arcada.

Não creio que toda essa reflexão seja uma invenção minha: de certa forma a sociedade molda esses símbolos paternos. Pai é o Deus na terra, o provedor, aquele que cuida e pune, dono do saber e das verdades. O que eu quero para nós é a libertação desses papéis: eu, enquanto filho, não quero que o senhor se sinta responsável pelos meus possíveis e, prováveis, erros. Assim como não quero que todas as minhas vitórias sejam dedicadas exclusivamente a você. A questão aqui é aliviar a responsabilidade de um para o outro e nos tornarmos amigos, enquanto indivíduos autônomos, e não simplesmente respeitar e seguir esse papel social ilusório. O senhor enquanto indivíduo, obviamente, irá cometer erros e também já os cometeu – como qualquer ser vivo que habita esse lugar que é a terra. Da mesma forma, ainda mais por sermos de gerações diferentes, conduzimos condutas nossas que parecerão estranhas ao outro. Normal. Não posso mentir dizendo que em alguns momentos da minha vida não me senti abandonado pelo senhor, do mesmo modo como sei que o senhor também já se sentiu da mesma forma.

Acho que o ponto central aqui é apenas afirmar que está tudo bem entre nós e que, assim como eu imagino que você também queira, possamos cultivar e fertilizar nossa relação. Você não é simplesmente o meu pai, você é uma pessoa que eu admiro e amo, fora desse padrão figura paterna. O senhor é basilar para quem eu sou hoje e é parte da

estrutura que me constitui. Enfim, espero muito que o senhor entenda o que eu quis dizer com essa carta e que faça sentido para você lê-la, assim como fez sentido para mim escrevê-la.

Com amor, seu filho do meio,

ps: feliz dias do pais, queria estar aí com vocês.

Os pontos positivos de uma guerra | Jéssica Oliveira

Ernesto, era um jovem de 21 anos, cabo do exército brasileiro. Morava, em Santa Maria, no estado do Rio grande do sul.

...

Ano de 2022, 25 de fevereiro, sexta feira. Hora de Brasília: 05 horas da manhã.

O despertador toca, e Ernesto levanta assustado. Ouvia-se carros de polícia pela cidade e as pessoas estavam todas nas ruas, alguns de pijama; outros de mochila. Foi quando ele pegou o celular, e viu uma mensagem de um superior oficial do exército, dizendo: " Cabo neto, compareça a sua base para pegar seu fardamento, munição e armas. Traga somente o básico. Motivo: Convocação de soldados para serviço. Ordem internacional."

Ernesto foi pego de surpresa. E aquilo não parecia ser um treinamento. Se fardou, sem ao menos tomar banho e saiu ao encontro dos oficiais e seus colegas soldados e recrutas do exército brasileiro.

Chegando à base de encontro, todos estavam em fileiras passando por uma espécie de exame. Bem assim, como da primeira vez que fora fazer inspeção para servir como recruta. Sendo assim, tirou toda a roupa do corpo e ficara como quem tivesse vindo ao mundo pela primeira vez.

O médico da base chegou próximo dele e disse: Cabo neto, você foi convocado para defender a Ucrânia contra o ataque dos Russos. Vamos fazer alguns exames para ver se você está apto a batalhar na guerra.

Ernesto, agora, viu seu mundo cair. Como iria fazer, se nem ao menos deu um abraço em seu pai e um beijo em sua mãe; ou até mesmo, um passeio de bicicleta, que havia prometido ao seu irmão caçula. Impossível! Ele sabia que não iria escapar dessa. Aquele era um Adeus em pensamento aos seus familiares. E a sua noiva? Ela não poderia ficar sabendo de nada. Estava grávida de 8 semanas e 5 dias e estava toda feliz com a data do casamento que já estava por chegar. Óh, sim! Com certeza, ela já sabia de tudo e seus pais, seu irmão...todos! Ele era o único atrasado, pois dormiu demais. No dia antes do dia 25,(o dia que seria sua folga). Ele ficara bebendo até às 23 horas da noite com uma galera da faculdade, e sequer, deu notícias à sua família. Tarde demais! Talvez fosse melhor assim. Menos um estresse para eles.

O sargento aparece e aperta ele com um singelo abraço. Isso, foi quando o rádio do tenente toca dizendo: sargento base 01, aqui quem fala é o tenente de base. O Brasil está sendo atacado. Mudança de planos. Chame todos os reservistas; abortar exames admissionais.

CRÔNICAS

Crônicas de Tubarão I: A Páscoa | Adriana Carolina Hipolito de Assis

A casa estava desarrumada, cheguei tarde desta vez, Dona Vitória aos finais de semana sempre recebia convidados, o que dificultava meu trabalho, ainda mais hoje, com os ônibus em greve. Não sabia, deveria ter assistido ao noticiário ontem para saber da greve, fazer o quê! Dona Vitória abriu a porta com o rosto fechado, fui esclarecendo: “Foi por causa da greve, Dona Vitória...”. Deu de ombros, disse para arrumar tudo por dentro, pois à tarde viria um pedreiro para dar conta da edícula, que estava prestes a cair. Dona Vitória queria iniciar um novo ciclo de amizades, com churrascos, para que seu esposo recebesse os colegas do escritório. Na realidade, ela queria que o marido conseguisse promoção, acho que a condição de gerente geral de vendas não a seduzia mais. Queria o homem na presidência da empresa, comprar outra casa, fazer a famosa viagem de navio para o exterior, coisas da Dona Vitória.

Comecei pelos quartos. Tem dia que a gente não quer saber, mas tem de trabalhar. Tudo uma bagunça, essa mulher nunca foi dona de casa, olha essa gaveta: toda revirada. Parece que o final de semana rendeu. A casa tá de cabeça para baixo, justo hoje que não queria fazer nada! Oh, vida!

Quando ia lavar a louça do almoço tocou a campainha, era o moço. Jovem, devia ter uns 28 anos, trazia uma bíblia consigo, achei estranho. Será que é ..., na certa vai me dar folhetos ou convidar para ir ao culto, mas não: era o pedreiro mesmo. Mostrei o local, disse para avaliar o estrago, mas, certamente, Dona Vitória ou o marido dela já haviam conversado sobre a obra.

No primeiro dia não dei conta do moço, tinha muitos afazeres, mas depois, no decorrer da semana, com a casa mais ordenada, fiz bolo e café fresco e levei pra ele, na certa tava com fome. Quando me aproximei levou um susto, estava sem blusa. Moço bonito, nem gordo, nem magro. “Trouxe bolo, moço.”

— Não te preocupas. Trago sempre marmita.

— Que isso, o moço trabalha duro e, no mais, fiz bolo e café, tá bem bom!

Esperei colocar a blusa, moço educado, de respeito. Mordeu um pedaço e repetiu minha fala:

— Tá bem bom mesmo! Quando casar o marido é seu!

— Sô casada não. Tive um noivo no passado, uma decepção de homem. Fugiu com outra uma semana antes de nos casarmos, casa pronta, docinhos e convidados...

— É, é muita tristeza moça...semana que vem iniciam as procissões de Páscoa. Dona Vitória já enfeitou as janelas com bandeiras roxas com cruz no meio. Comprei um maço de velas dessas compridas...

Na outra semana cheguei mais cedo, queria terminar tudo rapidamente para não perder o início da procissão. Fiquei ansiosa, pois Antônio não parecia ter pressa com o serviço. Tomei banho, pus minha melhor roupa, não tinha um lenço roxo bonito, daquele tipo que todas as mulheres usam nessa época. Pensei em pedir a Dona Vitória, quando então, ela me ofereceu um antigo. Antigo! Era do ano anterior, ta novinho, e é bonito, com bordas douradas. Parecia uma santa quando me olhei no espelho. Fui ao quintal e não vi Antonio, entrei correndo e procurei. Dona Vitória também não estava na sala, deve de ter ido à procissão sem mim. Resolvi sair, corri em direção à igreja, já havia iniciado. O padre à frente com a imagem de Cristo em seu dorso e os fiéis o seguindo, percorri com os olhos: uma lista de passantes, nada de Antonio.

Continuei como um zumbi caminhando na procissão. Lembrei que, naquela manhã, brinquei com ele: “Então irmão, tem orado muito?” e ele respondeu que, por mim, sempre rezava! Senti o calor no meu rosto e abaixei os olhos na direção dele. Enquanto estendia os lençóis para secar, seguia meus gestos no ritmo das espatuladas de massa corrida que dava na parede. Não houve nada de estranho, por que Antonio sumiu?

No outro dia Antônio não apareceu, a casa estava ordenada, comecei pelo quarto como sempre. Dona Vitória estava no banho, achei estranho, os lençóis foram trocados, mas a cama estava desarrumada. Corri na lavanderia, estavam na máquina lavando. Fiquei nervosa. Esperei na cozinha. Dona Vitória estava especialmente feliz, perguntei se havia ido à procissão. “Claro, querida. Jamais perderia uma tradição tão forte!”. Continuei arrumando a louça do café da manhã e resolvi perguntar para o Antônio, se ele não terminaria a edícula. “Como posso saber?” Reparei que seus lábios sorriam ligeiramente.

Cada Mergulho é um Flash? | Anderlei Carneiro Vilhena

No famoso bordão de Odete Santos (Mara Manzan), de *O Clone*, a personagem se valeu da figura de linguagem para se referir às pessoas importantes que frequentavam o piscinão de Ramos. O bordão popularizou-se entre os espectadores que o utilizavam para retratar momentos de seu cotidiano, reinventando assim o significado para o ato de evidenciar/mostrar algo para os demais que o acompanham nas redes.

É interessante perceber que o famoso bordão de 2001 ainda vem ganhando ressignificações nas redes. É obvio que os novos navegantes desse imenso mar (e aqui, refiro-me à internet, especifico para não ficarem dúvidas, caro amigo/a) desconhecem um bordão mais antigo como esse (Os Millenials certamente lembrarão desses e outros bordões que figuravam na TV durante esse período). Era de se esperar. A internet reconfigura-se a medida que ganha novos usuários. As formas de comunicação modificam-se. Mas, um fato ainda permanece intacto: o desejo de mostrar algo para quem nos segue diariamente em nossos pequenos mundos virtuais, nos quais somos a realeza.

Contudo, (e aqui peço sua atenção, meu amigo/a) o que preocupa não é fato de tentar evidenciar algo a alguém. O que preocupa é a insensibilidade que estamos adquirindo com o passar dos anos. A sede por *likes* tem criado uma sociedade de pessoas insensíveis ou eles sempre estiveram entre nós apenas esperando a oportunidade de mostrar a que vieram? Vejam, a dor não comove. A dor é um impulsionador para alavancar e ganhar novos e sedentos seguidores ávidos por consumirem o sofrimento alheio. Acredito que lembrem do famoso vampiro “Drácula”, um ser literalmente morto que vivia sob a sina de se alimentar da dor e sofrimento alheio, sugando a vitalidade de suas vítimas. Seríamos nós a releitura dessa personagem cinematográfica?

Temendo me alongar demais e tornar esse texto mais enfadonho do que creio já estar, pergunto, meu caro amigo/a: qual o sentimento ocorre em capturar uma foto com um smartphone da dor alheia e compartilhar na rede? Qual a motivação de alguém para tal ato? Seria a ideia vazia e inconsistente de que os outros precisam de uma informação atualizada e em primeira mão? Apresso-me em responder: NÃO! A motivação nesses casos é apenas uma: ser o primeiro a noticiar algo que, na maioria das vezes, nem sabemos do que se trata e tornar essa versão a oficial. O *flash* vale *likes*, de fato, vale uma enxurrada de mensagens no *direct*, muitos compartilhamentos, e o que resta para nós? Respondo novamente: a pobreza dos sentimentos que deveriam nos tornar humanos.

Educação Sexual para uma Geração Extremista | Maria Alina Oliveira Alencar de Araújo

Um certo musicista/filósofo da década de 80 compunha que éramos, à época, uma “Geração Coca-Cola” e que seríamos o futuro da nação.

Hoje, o fluxo de progressos, tais como a redução da erotização do corpo feminino, os avanços protetores com a lei Maria da Penha e a ampliação da autonomia da mulher nas questões de gênero, segue em trânsito, respeitando as leis de acordo com as vias trafegadas.

Na contra mão dos retrocessos, um tanto quanto desgovernados, correndo risco de colisão frontal com os demais, segue um fluxo crescente de extremistas em um declive de constructos religiosos, esbravejando versículos bíblicos como verdades absolutas e com os corações cheios de ódio. Ufa!

É fato que há uma óbvia contradição nesse fluxo, que parece não ser tão óbvia para tais cidadãos. O fato de odiar tão veementemente o próximo não é um problema para os leitores ávidos da bíblia.

A verdade é que, tais posicionamentos repercutem na sala de aula, na fala docente e discente, nas expressões usadas nas conversas de corredores e nas conversas da sala dos professores.

Tal repercussão durante a aula de uma professora de Biologia com tema Educação Sexual pode tornar o ambiente uma arena de guerra. É notável que os ânimos ficam muito exaltados diante de temas como *o corpo do outro* ou temas que ferem de alguma maneira a *forma religiosa do outro pensar e se comportar*.

O interesse pelo *outro* no atual cenário brasileiro e mundial tomou importância central na vida dos extremistas. Isso dificulta a exposição de determinados temas em sala de aula.

Durante aulas sobre Métodos Contraceptivos, facilmente encontramos comentários como: “O melhor método é a castidade” e “A mulher engravida somente quando quer”, até mesmo alunos com olhos ou ouvidos tampados, literalmente, por considerarem um conteúdo impróprio para uma sala de aula, e durante as temáticas sobre a legalização do aborto e o direito de escolha da mulher: “Sou contra o aborto, pois a criança não tem culpa”, e em temas sobre sexualidade: “A homossexualidade é falta de Deus”. E assim

seguimos em rota de colisão iminente com os preceitos sociais extremistas atravessando a relação professor-aluno/ ensino-aprendizagem.

O que aconteceu com a nossa *Geração Coca-Cola*? O que aconteceu com *Os burgueses sem religião*? O que aconteceu com *O futuro da nação*? Em que ponto da estrada parte do fluxo pegou a contramão?

E, se a escola não é o lugar adequado para tratarmos de Educação Sexual, onde seria esse lugar adequado? Em ambiente familiar desestruturado? Em altares religiosos intransigentes? Na roda de conversa informal com os colegas da mesma idade e que carregam as mesmas dúvidas?

Caros leitores, é sabido que a maioria de nós tivemos acesso a conhecimentos sobre sexualidade no ambiente escolar, geralmente abordados pelos docentes de Ciências ou de Biologia. São incontáveis as vezes que sanamos dúvidas e que ouvimos relatos sobre sexualidade dos nossos alunos e alunas (*gravidez, doença, gênero, corpo, medo, porquês, insegurança, amor, prazer...*). E, não é raro presenciarmos gravidez na adolescência, assédio sexual e de intolerância de gênero sofridos na escola ou fora dele. Nossos alunos gritam! Falam conosco porque são impossibilitados de falar com qualquer outro em qualquer outro ambiente.

Já advertem os documentos curriculares oficiais nacionais e estaduais a respeito da urgência em tratar sobre sexualidade das escolas. A escola é lugar privilegiado por ser sistematizado e de grande capilaridade social.

Portanto, de forma didática, efetiva e incisiva é papel da escola suprir seus currículos com essa temática tão urgente e tão necessária! Dar voz a quem precisa falar! Dar ouvidos a quem precisa ser escutado! Trabalhar o amor e a tolerância! E segue o fluxo!

*...Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola...*

Renato Junior Manfredini

O Tempo é o Homem? | Luan de Souza Balbino

Fazia frio naquela madrugada de quinta-feira, e mais gelados pareciam os entraves que tentavam roubar a minha felicidade (ou assim quisera acreditar). Em volta, a cidade amanhecia junto aos estudantes que se encaminharam ao transporte público, todos eles em bando com medo de alguma periculosidade iminente. Ao suscitar o atraso do ônibus, o relógio parecia mostrar não só as horas, mas a própria decadência do período atual - continha naqueles ponteiros muito mais que números, era um encontro do eu com eu na incidência entre a essência e o excesso. O agora é novo e também antigo porque fora capturado pelo tempo, tornando desde antes tudo em futuro. E já sabíamos que a hora deste instante nunca seria repetida, embora todos os dias o relógio marcasse com o mesmo empenho o nosso novo e constante instante-já, dentro do espaço. E nas mãos, toques. E nas palavras, o desejo: sempre enigmático. Esse é o devir. Eu quero isso, o mistério: o que está depois do depois?

Metamorfose | Thatiane Karoliny da Silva Melo

Somos resquícios de uma era perdida, sobras de um tempo de luta vencida. Rostos marcados por lágrimas, poeira amarela na estrada. Somos escolhas mal pensadas, vidas secas e também cansadas. Sonhos interrompidos por um despertador, no mar, grandes barcos sem navegador. Choros silenciados, risos segurados, futuro que acabou de se tornar passado. O que esperam da gente? nós que somos apenas sementes procurando por uma boa terra e alguém preparado para nos tratar. Somos tudo que o presente insiste em apagar, tudo que o vento leva e o tempo nunca vai lembrar. Humanos, máquinas, animais ocupando espaços abstratos e nada mais. Nos recompondo dos erros dos nossos pais fingindo que não somos meros mortais, despreparados para cada nova jornada. Somos seres que esperam ser melhorados, buscando transformações a partir dos calos do passado. Agimos, amamos, andamos, falamos, falhamos, pensamos e somos iguais. Somos massas uniforme em metamorfose do que fomos e somos. Jovens lagartos à espera de asas azuis que nos salve de cair do precipício enquanto levamos esperança ao que seremos.

O Buraco no Chinelo do Sr. Amarildo | Maressa Monteiro

Não sei bem como começar a contar o que hoje me aconteceu, deter-me-ei ao que importa. Após alguns dias de ausência no abrigo local, minha consciência me levou até lá. O dia havia se desenvolvido com rapidez e sem pedir licença para roubar minhas horas. Não tive muito tempo para pensar no que não tinha, mas me senti solitária em alguns momentos.

Na casa de acolhimento tudo corria como nos outros dias. Ao atender um dos assistidos, o Sr. Amarildo, meu coração, que até então se encontrava no piloto automático, parou, olhou em seus tristes olhos e enxergou-o, doeu-me a alma, ele era o retrato do meu abandono e da minha dor, desconhecida de meus íntimos e, em muitos dias, de mim mesma. Sr. Amarildo pegou sua quentinha, colocou-a numa sacola e me pediu, gentil e vergonhosamente, um chinelo, já que o dele estava furado. Tirando o chinelo, pegou-o com as mãos e mostrou-me o buraco, que era do tamanho de uma moeda de 50 centavos, bem na direção do meio do peito do pé. Se eu fechar os olhos, ainda consigo ver o movimento realizado pelo Sr. Amarildo. O buraco do chinelo do Senhor Amarildo olhou para dentro de mim de uma forma que nunca nenhum outro ser, vivo ou inanimado, havia olhado, talvez aquele buraco fosse Deus me perscrutando ou talvez um espelho. Meu coração sangrou, pois não havia um chinelo, mas havia o coração de uma criança de 30 anos, sedenta por ajudá-lo. Prometi-lhe que, no dia seguinte, no horário do jantar do abrigo, poderia pegar o chinelo novo, ao que me disse: Você não vai esquecer?

.
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .

Seriam necessários muitos pontos para descrever o silêncio de minha alma, pois naquele início da terceira noite no ano, eu me deparava com minhas próprias dores, mas em outro alguém, mirava nos olhos do Sr. Amarildo, mas me via no reflexo, uma mulher com 30 anos de idade, bem-sucedida, solitária e refém de seu próprio medo de assim permanecer para sempre ou de perder as esperanças no meio do caminho e me tornar um Sr. Amarildo, que sem esperanças, entregou-se à própria sorte. Senti pena, minha vontade era abraçá-lo e ouvir suas muitas histórias, mas não pude.

Limitei-me em colocar as mãos sobre seus ombros, acariciar-lhe de modo rápido e dizer-lhe sorrindo: não, eu não vou me esquecer.

Aquele buraco no chinelo do Sr. Amarildo me fez esquecer de todos os meus problemas e enxergar que tenho muito mais do que mereço e muito mais do que preciso, o que muito me incomoda, pois que estou eu fazendo para mudar a realidade dos tantos Amarildos que agora estão à mercê da sorte, da chuva, do vento, do calor extremo, da ausência de artigos básicos, ao relento, sem um teto para cobrir-lhe a cabeça e a face, sem uma cama quente ou apenas um local seguro e tranquilo para repousar?

Deparar-me com minhas próprias dores em outra pessoa doeu-me, sofri por ele e por mim, por nós. Ele com 60 anos e eu com 30, ambos sós, tristes.

Espero conseguir ajudar-lhe, Sr. Amarildo, não com coisas materiais, pois estas só satisfazem as almas vazias e por pouco tempo, mas com meu coração, que agora também é seu, nele você morará a partir de hoje, nele não há chuva tempestuosa ou temperaturas altas, suas relvas são melhores que os colchões mais caros deste mundo e a alimentação é abundante, fique à vontade, esta é sua nova casa.

POESIAS



Peixe no Aquário | José D'Assunção Barros

Um peixe no aquário

(seja um peixe-elétrico, um leão marinho, ou um peixe-espada)

É um peixe-vedado

É um peixe-impedido

É um peixe-cercado

Por todos os lados

Um peixe levado

Para um aquário maior

Ainda assim é um peixe

No aquário maior

E se lhe dermos uma represa

De proporções oceânicas

Ainda sim teremos um peixe

No aquário da Terra

Ah... cruel infelicidade aquática!

Um peixe, onde quer que esteja,

Depara-se com seus limites

Defronta-se com sua parede

Debate-se contra o seu vidro

Expansão | Juan de Sá

me encontro em tudo que pensei
quase interrompido por tudo que não sei,
mas você chegou e me mostrou
que ainda existe mágica na existência
acertando o verde que me ativa
sorrindo e impondo aquiescência.
sinto que, desde o cruzar da rua, te pertença
mesmo sem conseguir definir
se é espreita da vida ou armadilha do momento.
encarando os teus olhos, aprecio e penso
que nenhuma régua medirá o que grita aqui dentro
nem pode nenhuma incerteza parar o fomento
do início singelo que soa propenso.
o céu escuro manteve seu esplendor
e o mar, assim como teu corpo, me tocou
consumando que aparências podem enganar
mas nada tem estrutura para interromper
o que as ondas abençoam para estar.
você me olha com voltas de quem tudo tem a propor
e meu sentir, que vive se esquivando, resolve se pôr.
o toque deslizou na pele, leve e sensível como água
em meio às inseguranças que você dribla e abraça.
mas como sabe saber se há paixão?

(você me fez querer um livro que interprete o coração).
não consigo ler tudo o que quero
mas, para te manter aqui, modero
aguardando que tudo desdobre para o real,
distante de comparação ou perspectiva ideal.
desejo que você fique e possa se expandir
para eu confiar e não cogitar mentir
sobre o que sinto ou o que nos pode vir.
esse escrito é o primeiro manifesto da era
em que provavelmente o sentimento real impera;
em que nenhuma insegurança me mandará embora;
e que me prove ter valido a espera.
do pouco que se sente e se sabe,
quando não tiramos conclusões,
é que nada supera ou explica a saudade
intensificada pelas desconhecidas emoções.

O Soluço do Céu em Dia de Chuva me Anima | Felipe Eleutério

O soluço dos céus em dias de chuva me anima

Entre sopros e luzes, esclarece:

"São ritmos em fagulha de tambores"

(daqueles tocados por ninguém).

E pensar que esse mesmo ressoar dos tambores,

que vêm de dentro

e vêm de fora,

são meus. E no entanto me atravessam sem controle.

Que não posso estar por detrás de mim mesmo

não posso estar nas coxias,

na sonoplastia do meu coração.

Muito menos no extremo oposto,

em órbita convexa

por fora manifesta,

orquestrando despejos. Não.

É um caso de *ser-se* incompleto e *estar-se* preenchido.

Por falta de abraços, seus, me atravesso solitário.

Pulsante num trovejar de dor

distante porém latente.

mórbido, porém luzente.

Só agora sei da falta

calorosa que me faz em dias frios.

Deixando minha noite triste e derramada por fora,

meu peito à vela

do avesso

transbordante

à deriva

por dentro.

"Não sei como comecei a chover a sua ausência"

"Não fui eu que me deixei assim..."

"Não posso dizer, tampouco, se foi você, você se foi".

Navego por entre poças dos meus sentimentos,

como efeito de nuvens que se formaram do nada,

choraram a madrugada inteira,
suspensas sobre vazios e sustentadas por ninguém.
Despejando-se sobre pessoas ocas como eu, e
indo embora logo depois como se nem tivessem existido.
Só então é que descubro, já frio e ressequido,
quão mais profundo é o vazio que a sua presença fez em mim.

Diante da Utopia | Leandro Marinho Lares

Ya no nos quedan más que citas. La lengua es un sistema de citas.

Jorge Luis Borges

imagine que este poema
se passa na tela da sua tv
 do seu pc
 da sua retina

[primeiro take]

num *traveling* a câmera te olha
de longe de longe de
barulhos de sapatos suspiros silêncio
estamosnum museu
pessoas de sapatos sem foco sem fim
no meio delas: você

[segundo take]

num *corte seco* a câmera agora te olha
de perto mais de perto de
você encara um quadro
um quadro que ninguém mais encara
 que ninguém mais reparou
 ninguém sabe o porquê

[terceiro take]

num *plano sequência* a câmera circunda sua cabeça e nos revela o quadro: branco

[quarto take]

zoom in zoom in zoom in

enquadramento simétrico:

o quadro está em branco

branco gesso

[quinto take]

frames e frames e frames

de brancura

real ou ilusória

na legenda se lê: <utopia>

A Sorte | Jéssica Oliveira

Sorte:

Sorte é ter em meus braços.

Pura liberação de amor!

Sua áurea, repleta de luz,

ilumina meu dias, o caminho que me conduz.

Vejo seus olhos transcendendo paixão.

Amor que atrai as cores do íntimo ato,

Amor que respeita, amor que mima, amor que nunca se acaba.

Sorte no amor.

j.elisa